



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO LINGUAGENS E CÓDIGOS  
CAMPUS NORTE OIAPOQUE  
ORIENTADOR: Dr. ANTONIO ALMIR SILVA GOMES

**KHEUÓL E PORTUGUÊS BRASILEIRO NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA  
JOÃO BATISTA MACIAL (TUKAY – KM 92): PERCEPÇÕES DE UMA  
COMUNIDADE**

**Diena Macial SFAIR<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este trabalho apresenta, a partir de dados coletados em entrevistas com distintas pessoas envolvidas na escola indígena, informações sobre o uso da língua Kheuól na comunidade Tukay e seu lugar na escola. Tem como objetivo compreender a importância dada pela comunidade em relação ao ensino de língua materna para as crianças, e como esse ensino se firma no dia-a-dia dessas crianças. Para isso, observa, também, algumas questões relacionadas ao uso do Português Brasileiro. Espero que o resultado de minha pesquisa ajude a comunidade e a escola a pensarem questões capazes de melhorar as práticas de ensino de línguas, bem como as relações que comunidade e escola estabelecem com a língua Kheuól.

**Palavras-chaves:** Kheuól. Ensino. Língua. Português Brasileiro. Escola

**Hasãble:** Sa thavai-la ka phuezãte boku ifohmasiõ ki mo hasãble lãdã pexkiz ki mo kote tahot mun ki ka thavai la lekol êdjê, ifohmasiõ a hespek dji lang kheuól la komunte dji Tukay i kumã lekol-la ka thavai ke sa lang-la. Sa thavai-la a pu no kôphãn ãpohtã ki komunte dji Tukay ka bai la su lang kheuól pu tximum-iela i kumã ie ka ãphãn i ie ka ize sa lang-la tu le ju. Pu fe sa thavai-la mo fe ãtãsiõ osi la de, thoa bagaj dji lang potxige bheziliẽ. Mo le pu sa fui-la dji mo pexkiz ide komunte i lekol dji Tukay pu ie majinë la nov mãie pu dhese i hãje mes dji mõthe i ãphãn lang-iela, biẽ kumã helasiõ ki komunte e lekol gãiẽ ke lang kheuól.

**Mots-cles:** Kheuól. Mõthe. Lang. Potxige Bheziliẽ. Lekol

---

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer a todas as pessoas que aceitaram participar da minha pesquisa, sem essas pessoas não seria possível desenvolver este trabalho. Quero agradecer também a colaboração de Davi Felisberto dos Santos pelo texto em kheuól. E por fim quero agradecer ao meu orientador Antônio Almir Silva Gomes que contribuiu muito para que eu pudesse realizar este trabalho.

## INTRODUÇÃO

A partir de uma visão geral adquirida com minha experiência de alguém que vive na região, pertencente a aldeia Tukay, o ensino de língua materna tem sido uma das grandes preocupações para os povos indígenas da região do Uaçá falantes de Kheuól, pois se tem entendido a língua como um item muito importante para a cultura. Por outro lado, observo que em algumas comunidades indígenas o ensino de língua materna não está sendo valorizado como deveria. Percebo no cotidiano das comunidades que o português está cada vez mais presente na vida dessas pessoas, seja através da televisão, da comunicação com a sociedade não indígena, seja através da própria escola, etc. Nesse sentido, temos que levar em consideração que o ensino da língua materna repassada através da família é tão importante quanto o ensino recebido pela escola. É fundamental que essa visão seja compreendida pela comunidade. Esse tipo de comportamento seguramente fortaleceria as ações voltadas para o ensino na própria escola. Juntas, a escola indígena e a comunidade tornariam o ensino / aprendizado mais eficaz.

Não é de hoje que a língua materna de um povo vem sendo tema de discussão e preocupação para as populações indígenas no Brasil. Muitos povos ao longo dos anos se caracterizavam como possuidores de línguas ágrafas, utilizando-se somente da oralidade para transmissão de seus saberes, seus costumes, crenças e das práticas culturais, dos eventos cotidianos também. Até os dias de hoje, podemos dizer que muitos povos ainda utilizam essa forma de transmissão de conhecimentos, principalmente entre os mais idosos. Neste cenário em que a língua escrita ganha importância, o papel da escola é ampliado, já que se constitui um espaço de ensino da língua materna, materializando o que já acontece na prática, fortalecendo para que a língua não seja esquecida.

Pensando as informações acima, eu desenvolvi a pesquisa que aqui apresento com a finalidade de (1) compreender a importância dada pela comunidade Tukay, onde desenvolvi a pesquisa, ao ensino de língua materna e (2) como se dá esse processo de ensino na comunidade, como se firma no cotidiano das pessoas e na escola.

A pesquisa que aqui apresento reflete um trabalho que terá muitos resultados voltados para comunidade que se resumirá na conscientização / sensibilização para a importância da valorização do ensino e uso da língua materna (L1), e trará benefícios também para escola, servindo como material para ser trabalhado em sala de aula, uma

vez que é um assunto que trata da nossa própria realidade, servindo como fonte de pesquisa para futuros pesquisadores. Diante disto, o artigo está dividido nas seções seguintes: (1) Metodologia, onde descrevo as ações que eu fiz do início ao fim desta pesquisa; (2) O contexto da pesquisa, quando falo do contexto socioeconômico da comunidade (2.1), do histórico da comunidade, quando falo da fundação da aldeia (2.2) e da escola João Batista Macial (2.3); (3) da Presença da língua Kheuól na escola e o professor e (4) Experiências linguísticas na comunidade Tukay.

Esta pesquisa visa incentivar, também, comunidades indígenas de outras regiões do Brasil, que tenham a preocupação em fortalecer e manter o ensino da língua materna para seu povo, e que seja um material de pesquisa que venha a contribuir com a nossa educação escolar indígena.

## **1. Metodologia**

Para realizar a pesquisa que intitulei “*Kheuól e Português Brasileiro na escola João Batista Macial (Tukay – Km 92): percepções de uma comunidade*”, eu fiz entrevistas com 03 pais de alunos, 01 idoso da comunidade, 02 professores e depois com 03 alunos. Os pais estão na faixa etária de 23 a 39 anos, o idoso na faixa etária de 65 anos, professores na faixa etária de 36 a 38 anos e os alunos na faixa etária de 07 a 10 anos. Com exceção dos alunos, ainda crianças, todos os entrevistados têm idade bastante adequada para participar da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas no período de setembro a novembro de 2013. A fim de evitar a identificação dos participantes, eu uso códigos assim distribuídos: pais (P1, P2 e P3), idoso (ID.), professores (PROF 1, PROF 2), alunos (AL 1, AL 2, Al 3). Como se trata de uma comunidade relativamente pequena em termos de população, eu considero que os três pais e o idoso são representativo daquilo que pensa a comunidade Tukay sobre o tema pesquisado.

No primeiro contato que eu tive com os entrevistados, eu expliquei a todos eles sobre minha pesquisa, sobre os objetivos da mesma, li e expliquei todas as perguntas, sendo de sete a dez perguntas para cada grupo entrevistado, falei sobre sua importância, e perguntei se poderia gravar as entrevistas porque precisaria delas para servir de base para o meu trabalho. Todos concordaram, muitos ficavam com um pouco de vergonha,

mas conversei com todos para que ficassem a vontade e se quisessem poderiam responder na sua língua mesmo em Kheuól. Nessa parte da pesquisa, o fato de eu pertencer à comunidade, ser falante da língua contribuiu muito para realizar as entrevistas deixando-os muito mais a vontade em falar na própria língua. As perguntas foram baseadas na opinião dos entrevistados, como por exemplo: com que frequência você utiliza o kheuól para se comunicar em casa com sua família? Você gosta de estudar na língua kheuól? Na escola em que língua você costuma se comunicar com seus colegas? Você prefere falar em qual língua? Por quê? Você utiliza com que frequência o kheuól para se comunicar com as pessoas no seu cotidiano, na hora de trabalhar, hora de lazer, quando estar caçando, pescando, reuniões, em várias situações? Perguntas nesse sentido que foram feitas no total de 07 a 10 perguntas para cada entrevistado. As perguntas variam de pessoa para pessoa, pois as faixas etárias são diferentes.

E assim para iniciar as entrevistas utilizei os recursos de áudio de um Celular Samsung GT/B5722, onde todas as entrevistas foram gravadas. O objetivo de entrevistar pessoas de diferentes faixas etárias é compreender suas diferentes opiniões sobre o processo de ensino da língua Kheuól na escola João Batista Macial, e porque acham importante o uso da mesma na comunidade. Com alguns dos entrevistados como os adultos, tive que realizar a entrevista no “*karbe*” (casa de farinha), porque estavam fazendo farinha. Foi utilizado o mesmo recurso de gravação pelo celular e algumas anotações no caderno. Eu procurei interferir o mínimo possível nas tarefas diárias deles.

Em seguida, após a coleta dos dados, salvei todas as gravações no computador, depois escutei novamente todas as gravações com muita atenção e fui sistematizando cada gravação às secções que ficariam divididas as mesmas para que assim pudesse desenvolver meu trabalho. Em seguida comecei a digitar trechos das entrevistas que fariam parte da pesquisa, com muito cuidado colocando exatamente o que foi dito sem modificar a conversar, buscando traduzir do mesmo que foi falado, pois as entrevistas realizadas estão todas em Kheuól. No final, as entrevistas gravadas somam um total de 36min43seg assim divididos: 10min9seg com os professores, 04min89seg com os pais, 16min03seg com o idoso, 5min42seg com os alunos.

## **2. O contexto da pesquisa**

Eu apresento nesta seção algumas informações sobre o contexto socioeconômico (2.1), o histórico da comunidade (2.2) e o histórico da escola (2.3). O meu objetivo com a mesma seção é contextualizar o cenário da pesquisa.

### **2.1 Contexto socioeconômico da aldeia Tukay**

A aldeia Tukay está localizada na Terra Indígena Uaçá, Br-156/Km 92, estado do Amapá. A população da aldeia Tukay é formada por 19 famílias com aproximadamente 91 habitantes. Os moradores da comunidade vivem da agricultura (produção da farinha, e venda de outros produtos como banana, cará, tapioca entre outros), da caça e da pesca. Algumas pessoas também confeccionam artesanatos como colares, pulseiras, peneiras para comercializar na cidade de Oiapoque. Assim como se fabricam canoas para venda – geralmente por encomendas entre os próprios indígenas – ou para uso próprio. Também há pessoas que vivem de aposentadoria, benefícios do governo, outros são professores.

A comunidade possui uma pequena enfermaria, muitas vezes falta remédio, existe também a dificuldade de transporte devido a aldeia ser localizada ao longo da Br-156, km/92, distante da cidade Oiapoque e não possui transporte próprio para os pacientes. Ainda que tenha algum veículo, quando está em área, também dá suporte as outras aldeias da Br.

Quanto à religião, atualmente existem a católica e a evangélica. Apesar de ser uma comunidade pequena, seus membros conseguem conviver entre si com essas mudanças. A presença destas religiões, no entanto, trás alguns fatores que influenciam na cultura indígena, como a escolha de outra religião que impossibilita as pessoas de seguir seus rituais ou até mesmo suas crenças que suas gerações seguem há anos. Um exemplo, é a festa do padroeiro da comunidade que, como em todas as comunidades da região, ocorre uma vez por ano. Algumas pessoas acabam preferindo seguir as regras de outra religião e acabam deixando de lado suas tradições, rituais, etc.

## 2.2 Histórico de Fundação da Comunidade Tukay e seu impacto no uso da língua Kheuól

A aldeia Tukay foi fundada na década de 1980, pelo **Sr. Manoel Floriano Macial**, mais conhecido como seu Macial. Nascido na aldeia Kumarumã, viveu lá cerca de 40 anos, foi um dos primeiros caciques da comunidade de Kumarumã, tendo atuado como tal por mais de 20 anos.



Senhor Manoel Floriano Macial e sua esposa dona Graziela Narciso Macial. Fotos do arquivo Museu Kuahí

Foi uma liderança muito respeitada por suas lutas em prol das causas indígenas. No início, o Sr. Macial atuou como fiscal no posto de vigilância que funcionou no Km 92. Segundo Marlene Macial, filha do casal, foi difícil nos primeiros anos viver naquelas localidades, principalmente para os dois primeiros fiscais (outro posto de fiscalização ficava no km 70). Era tudo isolado, só mata, não tinha casa, era só uma barraca improvisada, era o começo de tudo, não tinha roças, tinham que pedir ajuda a FUNAI e a outros órgãos governamentais.

Depois tudo foi se estabilizando, seu Macial, trouxe sua família que morava na aldeia Kumarumã para viver com ele onde hoje é conhecida como aldeia Tukay. Ele foi atrás de algumas famílias que estavam espalhadas em outros lugares, alguns de seus

parentes também da aldeia Kumarumã decidiram vir morar na aldeia Tukay, e assim foram povoando a comunidade, fazendo suas roças, plantações de produtos agrícolas. Ele sendo cacique da aldeia por 18 anos, e ao mesmo tempo trabalhando como chefe de posto de fiscalização da FUNAI por algum tempo, após tudo isso, por muitos motivos principalmente de saúde ele repassou seu cargo de chefe de posto para seu filho Marivaldo Diogo Macial, que ficou a frente da comunidade durante alguns anos, mas hoje essa função de chefe de posto está extinta funcionando somente a base regional na cidade de Oiapoque. Atualmente contamos com o cacique e membros da comunidade na hora das decisões relacionada à comunidade.

O fato de que atualmente na aldeia Tukay a maioria das pessoas ainda falam somente a língua Kheuól encontra justificativa histórica, portanto, uma vez que as famílias do início da comunidade só falavam essa língua. Ela foi preservada ao longo das décadas. O português é utilizado em algumas ocasiões quando necessário para se comunicar com pessoas de fora, não indígenas, muitas vezes para dar alguma informação para as pessoas que trafegam na BR que passam por lá pedindo informações, quando conversam com professores não indígenas também quando estão em área, com alguns técnicos de enfermagem que não são todos indígenas, momentos assim.

### 2.3 A escola João Batista Macial

A escola João Batista Macial foi fundada no ano de 1986, mas era chamada de escola de 1º grau Tukay, funcionando no prédio de fiscalização da FUNAI. Naquele tempo, o chefe de posto de fiscalização era o senhor Manoel Floriano Macial. A escola funcionou durante um tempo nesse local, até que fosse construído o prédio da própria escola em 1987. Depois disso, passou a ser reconhecida como escola municipal de 1º grau João Batista Macial, pertencendo à gestão municipal de Oiapoque. Os primeiros professores que atuaram em sala de aula naquela época foi o professor Antônio Carlos da C. Barbosa (não indígena) e Coaraci Maciel Gabriel (Galibi Marworno).

No decorrer dos anos teve mais algumas mudanças, a escola que era municipal passou para o estado e por fim passando a ser chamada de Escola Estadual João Batista Macial, com isso houve a necessidade de ter uma direção da própria instituição e foi nomeada assim a primeira diretora que foi a professora Francisca dos Santos Pisa da

etnia Apalaí, onde exerceu sua função por mais de 15 anos na escola. Assim, com passar dos anos, teve a necessidade de substituição da direção da escola, sendo assim, foi nomeado o segundo diretor, que é o professor Rubmauro Macial dos Santos da etnia galibi-marworno. Essas mudanças atestadas na escola, desde o seu início, são resultado de conquistas ao longo dos anos através da atuação do movimento indígena da própria comunidade atendida pela escola.

Na escola João Batista Macial, que atende alunos da comunidade, funciona atualmente o ensino de 1º a 9º ano do Ensino Fundamental, tendo professores indígenas e não indígenas em seu quadro docente. Os professores que lecionam de 1º a 5º ano são indígenas, alguns professores com a formação do magistério e outros com a formação do curso Intercultural Indígena oferecido pela UNIFAP. O ensino de 6º ao 9º ano é realizado por professores do módulo, não indígenas, mas também tem alguns indígenas que fazem parte do ensino modular como os professores de língua materna e cultura indígena.

O Ensino Médio ainda não funciona na escola. Os pais que têm condições financeiras mandam seus filhos para a cidade de Oiapoque para continuarem seus estudos e ter algum retorno para sua família. Na escola, ilustrada na foto a seguir, funcionam os turnos da manhã e da tarde. O quadro de funcionários é formado por quatro professores, um diretor, e duas pessoas que fazem parte da limpeza e merenda da escola, sendo todos indígenas. A escola é toda de madeira, possui apenas um banheiro, três salas de aula, um refeitório próximo a cozinha, e também tem uma pequena biblioteca como anexo da escola. No dia a dia, as duas línguas são utilizadas simultaneamente num contexto em que ao notar a dificuldade dos alunos de compreender determinada informação em português, o professor utiliza a língua Kheuól. Nas séries da segunda fase do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), quando muitos dos professores são não indígenas, o português é bastante utilizado como língua de instrução.



Foto cedida por Agnaldo Monteiro. Autor não identificado

### **3. A presença da língua Kheuól na escola e o professor**

O ensino de língua materna no contexto indígena é bastante complexo. Podemos dizer que envolve muitos elementos, como a participação de todos, escola, pais e comunidade. Nesse sentido, quando falamos de Educação Escolar Indígena, pensamos na formação dos professores e das crianças. Atualmente, a formação dos professores indígenas já é muito além, hoje o professor indígena se forma para atuar em todas as séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Além dos muitos documentos específicos para a Educação Escolar Indígena, temos o RCNEI, entre outros, que assegura os direitos a uma educação escolar “específica e diferenciada, intercultural e bilíngue”.

Na aldeia Tukay a maioria fala primeiro a língua indígena, e o português vem como segunda língua, há apenas alguns falantes de português por ser casados com não-índios, e o português é introduzido de forma natural durante o convívio com sociedades não indígenas ou com outras populações indígenas não falantes de kheuól. Esse contexto precisa ser pensado na escola para definir qual é o papel do ensino de Kheuól e do Português Brasileiro (PB). Não haverá resultados satisfatórios se essa questão for deixada de lado. Sobre o uso dos termos primeira língua e segunda língua, explico que quando se fala em primeira e em segunda língua, me refiro como primeira língua, a língua materna do povo, que é a língua indígena que aquele povo utiliza, que se identifica como falantes daquela língua desde sua origem. Assim, me refiro à segunda língua qualquer outra língua utilizada para além do kheuól, no caso da comunidade de falantes em questão, o português.

Segundo Santos (2005, p.9), é importante enfatizar sobre a questão do processo de ensino / aprendizagem do português, pois L1 sempre está presente no momento desse

ensino, não pode ser visto como uma interferência o uso de L1, ou seja, deve ser levado em consideração essa prática do professor assim como o aprendizado do aluno. Também é importante levar em consideração a formação desses professores, possibilitando-os uma reflexão sobre suas práticas de ensino de línguas e como esse alunos aprendem a língua materna e também o português como segunda língua. O resultado desse ensino das línguas não pode ser visto como percalço, e sim como um amplo aprendizado para os alunos tanto como para os professores. No geral, fica evidente a presença do Kheuól no contexto da escola da comunidade.

Assim como eu já disse, eu quis saber que pensam a própria escola e a comunidade sobre a presença destas línguas nas práticas escolares. Isto porque, assim como em tantas outras comunidades indígenas – em que fala primeiro sua língua indígena, logo fala também o português que no caso das crianças das séries iniciais (EF) aprendem informalmente, e já chegam na escola sabendo falar um pouco o português umas mais do que as outras dependendo do contexto familiar, assim como acontece com as crianças da aldeia Tukay – as duas línguas ocupam o espaço da escola. O resultado da minha pesquisa eu apresento na seção 4 a seguir.

#### **4. Experiências linguísticas na comunidade Tukay**

Ressalto, de antemão, que os dados descritos em minha pesquisa são baseados apenas em experiências e pessoas das séries iniciais do Ensino Fundamental. As aulas geralmente são executadas em L1, mas também acontecem em PB. Para esses casos, na maioria das vezes, os alunos não compreendem tudo que é explicado em português e assim o professor traduz e explica em L1, que facilita para os alunos resolverem as atividades. Dessa forma os alunos se sentem mais seguros e acabam adquirindo habilidades linguísticas, ao mesmo tempo, nas duas línguas. O que pensam pais, professores, alunos e idosos sobre as distintas línguas na escola é a questão que discuto a seguir.

##### **4.1 O uso do Kheuól e PB entre crianças**

As entrevistas foram realizadas com 03 alunos, na faixa etária de 07 a 10 anos que estudam entre 1ª a 3ª série, e foram escolhidos pelo interesse em participar e

também pelo consentimento dos pais. Eu encontrei algumas dificuldades na hora de conversar com os alunos para explicar sobre a pesquisa, pois alguns não mostraram muito interesse, isso limitou a quantidade de alunos entrevistados. Ao entrevistar as três crianças eu queria saber basicamente a relação delas com a língua Kheuól: quanto e quais situações elas usavam a língua na escola<sup>2</sup>.

Através das entrevistas realizadas com as crianças, podemos perceber que todas são falantes de Kheuól, mas também falam o português quando em situação de contato com não falantes de Kheuól. Há casos em que ao interagirem com este tipo de falante respondem em Kheuól. Todos compreendem bem a língua materna e a utilizam com muita segurança, no seu cotidiano, na convivência familiar.

“Todo dia eu falo o Kheuól, com minha mãe e com meu pai, quando vou à escola também falo todos os dias”. (AL 1)

“Eu falo e entendo mais em Kheuól”. (AL 1)

Em relação ao PB, eu pude perceber que as crianças não a utilizam quando estão reunidas, até mesmo na hora do intervalo das aulas, entre eles o uso da língua kheuól é frequente. Há casos, no entanto, em que os pais optam por falar as duas línguas, consequentemente as crianças irão aprender e falar as duas também. Como podemos observar no trecho de uma entrevista abaixo:

“Falo o Kheuól e o português em casa com minha família”. (AL 2)

Apesar de algumas crianças falarem as duas línguas, pelo contexto social, a convivência com as pessoas da comunidade, seus familiares fazem com que essas crianças tenham a preferência por utilizar o Kheuól como L1. Segundo o que observamos no relato do AL 2, algo que acontece de uma forma natural.

---

<sup>2</sup> Pela idade das crianças entrevistadas eu não poderia perguntar ou esperar respostas complexas sobre o uso do Kheuól ou do PB. Pensando nisso, eu apenas perguntei qual língua eles usavam mais na escola e no dia a dia.

“Eu prefiro falar em Kheuól com todos os meus amigos e o português falo só um pouco”. (AL 2)

As crianças que estão na fase inicial da sua vida escolar, já têm sua opinião sobre o uso da língua Kheuól.

“Eu entendo tudo o que falam em Kheuól, gosto de falar, mas em Kheuól”. (AL 3)

Nesses trechos acima podemos dizer que a situação de L1 está bem fortalecida entre as crianças, que é a base, pois se a criança não fala desde pequena consequentemente na fase adulta não falará fluentemente, e com isso a língua acabará sendo desvalorizada aos poucos. É importante notar, todavia, que usar o Kheuól como L1 desde criança não é proibitivo no sentido de usar o PB. O professor deve estar atento a essa relação, mas não deve usá-la, como mostro em 4.3, apenas no sentido de traduzir conhecimentos de PB para a língua indígena. É importante que o professor saiba que cada língua é autônoma em relação a outra, que são línguas diferentes.

Sobre a aquisição da língua indígena, as crianças têm a facilidade de aprender bem cedo a falar sua língua materna, com a convivência familiar principalmente, que é muito importante nesse processo de aprendizagem. Entre muitos estudiosos como Brewster, Ellis & Girard (2002, *apud*, Rocha, 2007), Scovel (1988, *apud*, Rocha, 2007), a criança aprende com mais facilidade uma segunda língua durante sua infância. Além disso, a exposição cedo da criança a um contexto linguístico, contribui muito para o seu desenvolvimento sociocultural, intelectual, interacional.

No caso da comunidade Tukay, muitos outros momentos para além da escola favorecem esse processo de aprendizagem se fortalece como na hora das brincadeiras com outras crianças, jogando bola, tomando banho no rio, quando estão brincando próximos ao “*karbe*” (casa de farinha) enquanto os pais trabalham fazendo farinha, durante os mutirões realizados pela comunidade (plantação ou limpeza das roças), geralmente as crianças estão sempre presentes nesses momentos. A respeito de muitas discussões de pesquisadores sobre o ensino de uma língua para as crianças especificamente falando de uma língua estrangeira, sobre a inclusão do ensino regular

nas series iniciais, segunda a autora Ellis (2004), não se trata apenas de um fator linguístico, de habilidades, mas sim do desenvolvimento da competência cultural.

“...uma língua, seja ela materna ou estrangeira, constitui-se de “crenças culturais, comportamentos e significados”, e a criança por sua vez, necessita, cada vez mais, adquirir “competência linguística e cultural para sua realidade presente e para seu futuro”. (Ellis, 2004:15).

#### 4.2 O ensino de L1 segundo os pais

Nos textos desta seção, podemos ver que os pais aprenderam a falar a língua Kheuól desde quando eram crianças, somente depois aprenderam o português. Nos mesmos textos, fica também evidente a transmissão desta língua às crianças, bem como sua relação com a cultura do povo e o uso do PB quando em situação de contato com a sociedade não indígena. Vejamos o que falam os três pais.

“Aprendi falar desde pequena, meus pais não falavam português, desde que nasci às primeiras coisas que aprendi foi em Kheuól, só depois que fui aprendendo a falar o português, mas o Kheuól sempre foi a língua que falamos mas.” (P1)

“Aprendi a falar desde pequena, minha mãe ensinou e aprendi até hoje, não podemos esquecer nossos costumes, da cultura do índio.” (P2)

“Eu falo todos os dias a minha língua, desde pequeno eu falo minha língua até hoje, na minha roça com meus filhos, com minha mulher, eu falo minha língua mesmo, agora só se tiver um não índio chegar e falar comigo na sua língua eu respondo ele em português...” (P3)

Os pais dos alunos ressaltam também a importância do papel da escola nesse processo de aquisição da língua Kheuól, porque através dela se materializa o que as

crianças aprendem na prática como a parte da escrita, para que as crianças não esqueçam.

“Comecei a falar com meus filhos desde que nasceram, depois colocamos eles na escola, esses professores de Kheuól ensinam a falar o Kheuól, assim eles cresceram e em casa é o Kheuól que falo com eles todos os dias.” (P1)

Percebi através das entrevistas que os pais valorizam o uso e o ensino formal da língua Kheuól na escola, assim como querem que seus filhos a aprendam em seu aspecto formal e a levem para sua vida toda, não deixando a língua (e cultura) ser esquecida. Importante para o caso do texto abaixo (P1) a relação que faz da língua com o sistema de escrita. Na sequência (P3), ao mencionar outras línguas, é como se o pai exprimisse a relação da língua consigo mesmo.

“Acho importante para eles aprenderem a escrever, para eles não esquecerem nossa língua...” (P1)

“Eu cuido dessa fala (língua), porque é importante pra mim, porque eu nasci com essa língua mesmo, não posso perder ela, usar outra língua, Palikur, Karipuna, eles tem a língua deles e nos temos a nossa língua...” (P3)

Esse “orgulho” em P3 reflete aquilo que é a comunidade em detrimento de outras comunidades. Eu, como membro da comunidade Tukay, acho importante esse posicionamento de valorização do uso da língua na escola e na própria comunidade. Acredito que são comportamentos como estes que ajudam a língua a se manter viva na comunidade.

### 4.3 O ensino de língua materna segundo os professores

Aqui eu apresento o resultado das entrevistas realizadas com os professores da Escola João Batista Macial. Esses professores atuam no ensino de 1º a 5º ano do ensino fundamental. Tem por objetivo compreender o que pensam os professores sobre o ensino de L1 na escola, saber quais são suas dificuldades na hora de ensinar e como fazem para resolvê-las.

“Precisamos trabalhar bastante com nossas crianças em sala de aula, para que as crianças não percam o costume. Pronunciar, conversar bem, as palavras, é esse nosso maior cuidado que a gente tem na sala de aula com as crianças, para que a gente fortaleça esse ensinamento da língua materna.” (PROF1)

O texto do PROF1 mostra a preocupação dos professores na hora da aprendizagem dos alunos, o cuidado que se deve ter na hora de ensinar, para que os alunos aprendam a usar palavras em sua modalidade escrita, para que tenham um bom diálogo, a utilizem como meio de comunicação, argumentação. Esse texto também mostra as habilidades que o professor espera dos seus alunos, como fazer uma boa leitura / escrita e espera também fortalecer cada vez a língua. Em síntese, o professor mostra a relevância da oralidade e da escrita em sua prática de ensino.

Na visão dos professores é muito importante a participação da comunidade no ensino de L1, e assim mostra o incentivo que a escola proporciona aos moradores que possuem um papel fundamental na hora do aprendizado das crianças. Aqui vemos a relação da escola com a comunidade. Essa interação é importante porque abre a escola, de modo que os pais vejam o que seus filhos fazem na mesma. Observamos também a presença da própria história do povo na escola que, segundo o professor (PROF 2, abaixo), que através da escrita vai fortalecer o registro da língua. Com isso entendemos o trabalho na escola tanto da oralidade quanto da escrita. Para trabalhar a escrita, devemos pensar, por exemplo, os materiais didáticos.

“...já fizemos atividades, onde contam e escrevem histórias em Kheuól, os alunos apresentaram seus trabalhos, essas atividades são boas, porque a comunidade pode ver, os pais dos alunos vieram assistir, escutar como seus filhos estão estudando...” (PROF 2)

Os professores também citam a questão do material didático na língua materna, que eles mesmos têm que produzir os materiais para trabalharem em sala de aula. Nesse sentido eles têm uma grande responsabilidade como educador em adaptar os conteúdos como, por exemplo, geografia na língua materna, pois não tem livros na língua para utilizar com seus alunos. Interessante notar no texto a seguir que o professor pensa o material didático não apenas para aulas de Kheuól, mas também para outras disciplinas. O fato de os próprios professores pensarem o material didático que utilizarão na escola é positivo porque mostra a autonomia dos mesmos em relação às suas práticas. Eles não ficam dependendo exclusivamente de fontes do governo, adaptam os conteúdos com os livros que já possuem na escola. Isso faz muito sentido quando pensamos que a própria comunidade é a dona do conhecimento sobre o povo<sup>3</sup>.

“não tem livro em Kheuól, para ensinarmos as crianças, é você mesmo que prepara o livro para mostrar eles tudo em Kheuól, como em Geografia, você mesmo faz seu texto em Kheuól, você produz e mostra para as crianças.” (PROF 2)

No texto a seguir, também do PROF 2, deve-se notar que o professor comenta sobre suas práticas de ensino na língua Kheuól. No mesmo, duas questões podem ser observadas: (1) a necessidade do Kheuól para entender conhecimentos externos à comunidade e a prática de tradução do PB para o Kheuól. Especialmente sobre a tradução, eu penso que o professor deve estar atento para não transformar as aulas de língua em aulas de tradução. Cada aula de cada língua deve ser tratada como independente de outra língua. Nesse tipo de situação, Santos (2005, p. 4) afirma que:

---

<sup>3</sup> Sobre os materiais didáticos produzidos por professores, seria muito interessante pensar uma pesquisa capaz de avaliar a qualidade dos mesmos no que diz respeito à adequação, validade das informações, etc.

“Não se pode confundir ou esquecer é o fato de que o português como segunda língua não pode ser ensinado como língua materna, mesmo para aquelas populações com maior tempo de contato e, portanto, com maior domínio da língua nacional”.

Segundo a autora, *op. Cit.* “A língua portuguesa é o veículo da cultura dominante e letrada, enquanto a língua indígena é a língua minoritária e agrafa, características que precisam ser levadas em conta na preparação dos currículos e das aulas”.

Quando se trata de PB, as crianças sentem dificuldades de entender muitas coisas. Sobre isso, PROF 2 afirma que:

“quando a gente ensina eles em português, eles não sabem as perguntas, depois a gente traduz em Kheuól pra eles, você lê tudo para eles, você traduz em Kheuól, para eles poderem resolver as atividades...eu trabalho mas em Kheuól com as crianças, faço meu plano de aula, escrevo um pouco em português e depois eu traduzo em Kheuól para eles..” (PROF 2)

No texto abaixo, PROF 1 diz que não há dificuldade na hora de ensinar em Kheuól, a dificuldade está na hora de ensinar em português. Tipos de situação como essa devem nos chamar a atenção para questões metodológicas envolvidas no processo de ensinar línguas na escola, tema que, embora extremamente interessante, não se constitui nosso objetivo nesse trabalho.

“a dificuldade deles não é no Kheuól, a dificuldade é no português porque eles sabem o nome do objeto em patuá, mas para traduzir em português eles não sabem, ai então a gente faz um trabalho com eles, faz um desenho coloca o nome no patuá e coloca o nome em português...” (PROF 1)

A facilidade com o Kheuól se dá exatamente porque esta, como já disse, é a língua materna das crianças. Nesse sentido, eu me pergunto como seria o aprendizado

destas crianças se os professores utilizassem apenas o Kheuól na sala de aula. Que seria a escola João Batista Macial se suas práticas de ensino fossem monolíngues? A comunidade aceitaria isso? Qual seria o grau de rendimento e aquisição de conhecimento dos alunos?

#### 4.4 A presença das duas línguas na escola pela avaliação de um idoso<sup>4</sup>

Aqui eu apresento as entrevistas realizadas com os mais idosos da comunidade. A partir de suas experiências, como veem esses avanços do mundo moderno tomando cada vez, mas espaço, e nossos costumes sendo deixados de lado. Que pensa sobre a presença do Kheuól na escola? Questionamentos deste tipo fizeram parte da pesquisa que eu fiz com esse grupo de pessoas. Em primeiro lugar, eu queria saber sobre a presença das duas línguas na escola. A resposta que eu obtive para isso foi a seguinte:

“Os dois ensinamentos são bons, como português assim Kheuól, não podemos esquecer nosso sistema de índio...assim como entendemos português, assim temos que entender nossa língua Kheuól. Jamais devemos deixar nossa língua, não devemos ficar longe dela, vamos precisar da nossa língua.” (ID 1)

O texto acima expressa a ideia da importância do uso das duas línguas, que é importante aprender as duas línguas, não somente a língua Kheuól, mas também o português, sem deixar de lado, contudo, a primeira que é a língua materna simplesmente porque faz parte dos costumes do índio. Com essa resposta parece que as perguntas que eu fiz no final de 4.3 teriam uma resposta. É importante ressaltar a consciência da importância do Kheuól para o futuro. A manutenção dessa importância pode ser, de certa forma, garantida de que a língua continuará sendo usada nas próximas gerações. Algumas ações do cotidiano na aldeia, no entanto, parecem apontar para outra direção. É o que o texto a seguir mostra.

---

<sup>4</sup> Eu consegui entrevistar apenas um idoso, mas isso não diminui a importância ou a validade da informação dada porque o entrevistado é uma pessoa muito conhecida na comunidade e é formador de opinião.

“desde quando cheguei no Tukay, faz uns 10 anos...o que eu vi aqui até hoje...nosso sistema de índio algumas coisas estão ficando para trás...não damos força para nosso sistema, nossos costumes, mas o português em todo lugar...malmente falamos nossa língua, sistema do branco, comida do branco, é o que está mas presente...e a gente quase não dá valor ao nosso sistema...” (ID 1)

Neste texto, o entrevistado consegue ver e compreender claramente com a experiência de vida que possui que aos poucos nossos costumes são deixados de lado, naqueles detalhes do dia a dia que para eles são muito importante, não falando somente da língua que utilizamos, mas em outras práticas também. Na verdade, o contato com a sociedade não indígena é tão inevitável que se torna quase impossível pensar na inexistência de mudanças em nossa sociedade indígena. Aqui novamente deve-se ressaltar a importância da escola no trabalho de formalização da língua. Embora não responsável única pela língua, a escola é, como temos dito, importante no processo de ensinar o registro escrito de uma dada língua.

Os idosos da comunidade têm um conhecimento muito importante, sem eles hoje não poderíamos estar falando de nossas tradições, nossos costumes. Para eles muitas coisas mudaram as tecnologias, inovações vêm tomando espaço, dando preferência no cotidiano dos jovens, das crianças. Nossa língua é nossa força, devemos caminhar na vida levando ela com a gente, diz o entrevistado da pesquisa. Mas eles também compreendem que o ensino dado pela escola é muito importante nos dias de hoje e que os pais devem incentivar seus filhos a estudarem cada vez mais.

“Nós somos obrigados explicar para nossos filhos, vocês estudem, vocês cuidem, eles também aprendem, aprendem a ter respeito, porque! Porque o tempo não é como antigamente, antigamente quando eu estava em Kumarumã, estudar era uma coisa sem importância, hoje não, todas as crianças quando chegam a escola eles tem que prestar atenção como o professor estar falando, como ele estar explicando, nisso eles aprendem, eles compreendem como o tempo é”. (ID 1)

Na sequência da entrevista, o pesquisado continua:

No tempo que estava em Kumarumã, eu tiro por mim, quando eu estudava também eu não prestava atenção, nesse tempo eu pensava que estudar não era importante, agora até hoje nossos olhos se abriram para estudar, nossas crianças todas abriram os olhos para estudar, eles estudam, eles aprendem. Esses anos em que eu estavam em Kumarumã “o tempo estava escuro”. Depois que viemos para Tukay tudo veio se esclarecendo para mim, assim como chega um dia tudo se esclarece, então assim a escola é, tem muitas crianças que aprendem, falam português. (ID 1)

Com esse texto fica evidente a importância dada para a escola para a formação dos alunos, as mudanças ocorridas ao longo do tempo sobre a escola. Sobre isso, eu quero pensar coisas do tipo: que escola temos e queremos para o futuro do nosso povo; como está a formação atual dos alunos: a importância dada ao uso e à preservação da língua Kheuól é real no dia a dia da comunidade ou se dá somente em alguns momentos. Como futura professora e como aluna da Licenciatura Intercultural Indígena, eu tenho feito esse tipo de perguntas nos últimos anos. Espero que as respostas a estas minhas perguntas sejam sempre positivas e sirvam para fortalecer mais a cultura do meu povo.

## **5. Considerações Finais**

Quando iniciei essa pesquisa, já iniciei com grandes expectativas, porque estaria desenvolvendo um trabalho sobre minha comunidade, onde moram meus familiares e conhecidos. Eu entendia que ter a oportunidade de realizar um trabalho desse tipo seria muito importante, eu poderia contribuir com a história do meu povo, com a escola, servindo de material de pesquisa para os alunos, professores e a quem interessar. O mais importante ao desenvolver a pesquisa é o incentivo para os próprios alunos também fazerem suas próprias pesquisas em cima de suas origens, sua própria cultura, ampliando seus conhecimentos e assim beneficiando também seu povo.

O interessante é poder observar, através de um trabalho assim, quantas informações importantes perdermos quando não damos valor às fontes que vivenciaram toda uma história que você está contando. Este trabalho me fez refletir ainda que o ensino de *kheuól* e português são muito importantes na alfabetização das crianças, pois não se pode deixar de lado nenhuma das duas línguas, mostrando sempre para eles que sua língua materna é a base, faz parte da vida daquela criança, sem precisar desvalorizar aprendendo outra língua. Sabendo disso, esses alunos também precisam dominar o português para se integrar na sociedade, conhecer seus direitos e ir em busca de melhoria de vida pessoal e também profissional. Por isso os professores juntamente com os pais devem trabalhar juntos para que essa questão de valorização da língua materna seja fortalecida ainda mais. A língua portuguesa deve ser entendida sempre como uma segunda língua, aquela que nós usamos para nos comunicar com a sociedade externa. A pesquisa me revelou que as pessoas da comunidade ainda têm orgulho de falar sua língua, de preservar, de passar essa língua as crianças. Isso é um bom indicio de que nossa língua será preservada por muitas décadas.

Depois desse trabalho eu gostaria de aprofundar essa pesquisa trabalhando com os jovens, conhecendo a visão deles em relação a sua língua materna, sobre o ensino-aprendizagem do português no seu dia a dia, o que pensam sobre o ensino de línguas na escola, a importância que cada língua exerce na vida desses jovens, saber o que cada um deles espera em relação a sua jornada de aprendizagem até sua formação, como pretendem contribuir após tudo isso com sua comunidade e seu povo.

### **Referências Bibliográficas**

ROCHA, C. H. **O ensino de línguas para crianças no contexto educacional brasileiro**: breves reflexões e possíveis provisões. DELTA, 23:2, 2007, p. 273-319)

SANTOS, L. A. dos. **Considerações sobre o ensino de Português como Segunda Língua a partir da experiência com professores Wajãpi**. Cadernos de Educação Escolar Indígena, v. 4/1, Unemat, Barra do Bugres, 2005, p.149-164.

## **Referências**

LIMA e SILVA, M. Ensino de português como segunda língua em comunidades indígenas Kaingang – RS. **Anais do SIELP**. V. 2, n. 1. Uberlândia: EDUF, 2012, p. 114.

## **Fontes Orais**

Ana Neuza Narciso, setembro de 2013

Vera Lúcia Macial Aniká, setembro de 2013

Pedro, novembro de 2013

Estevão dos Santos, novembro de 2013

Sueli Quaresma dos Santos, setembro de 2013

Zardil Ascilino Policarpo, novembro de 2013

Ana Carla Narciso Aniká, setembro de 2013

Rian Jostein Kall Macial dos Santos, setembro de 2013

Ana Paula Narciso Aniká, setembro de 2013

Marlene Macial, outubro de 2013.